



## ... e alguns outros.

Leitura de uma lição do *Seminário 21* de J. Lacan<sup>1</sup>

Por Marcus André Vieira

### 0

O dispositivo analítico inventado por Freud dispõe uma lógica coletiva própria? Em outros termos, a prática de uma análise supõe que as relações estabelecidas entre o analisante e as formas de alteridade por ele encontradas em sua análise encerram um modo original de laço?

Sabemos que Lacan responde “sim” a essa questão ao desenvolver sua formalização do discurso do analista, tomando-o como um modo de estar e ser com outros. Um discurso é um laço social ou, nos termos de Wittgenstein, uma *forma de vida*, no duplo sentido da expressão: tanto um modo de viver junto, quanto uma maneira própria encontrada pela vida para entrelaçar nossas vidas.

No momento, porém, em que o Nó Borromeano se apresenta em seu ensino como maneira de formalizar um modo de laço muito especial, necessariamente a três (cf. Miller, J. A. “O último ensino de J. Lacan”), cabe a pergunta: as coisas mudam de figura no que havia sido desenvolvido até então sobre o discurso analítico?

Creio que sim. É o que se destaca especialmente na lição do *Seminário 21* que fui convidado a comentar a vocês por Ana Lúcia. Ela condensa a retomada, neste seminário, do que havia sido formalizado com relação à alteridade e o laço social com a teoria lacaniana dos quatro discursos e ao mesmo tempo explicita o deslocamento que a novidade da teorização das fórmulas da sexualidade vai empreender neste campo.

Nesse momento, Lacan desarruma seus próprios móveis. Então vamos com cuidado.

Assumo que o essencial quando se trata de viver junto, de uma lógica coletiva, é o modo de lidar com a alteridade, com o que o outro tem de semelhante e de estranho.

Primeiramente, então, quero definir a presença e função da alteridade tal como Lacan a situa quando escreve *Outro*, com maiúscula (e que dizemos, por caminhos de uma tradução meio colonizada, meio crioula, no sentido de uma interlíngua, de “grande Outro”). A seguir, proponho delimitar rapidamente a forma de alteridade da presença como *objeto a*. Finalmente, então, poderemos perguntar qual o regime de alteridade em ação nas fórmulas da sexualidade, que envolve o que à época Lacan denomina *gozo feminino*, e eventualmente *Outro gozo*, que é exatamente o que se pergunta Lacan nessa lição com as consequências grandes que veremos.

---

<sup>1</sup> Texto redigido a partir de notas feitas para discussão da lição de 14 de abril de 1974, do 21º Seminário de Lacan, no contexto de preparação das 29ª Jornadas da Seção-Rio da EBP e do ICP-RJ, intitulada “Lógicas coletivas nos tempos que correm”. Disponível em: <https://jornadasebprioicprj.com.br/2022/>

00

Antes, porém, ainda no plano introdutório, uma ressalva: Quando falo em um “dispositivo que dispõe”, falo de uma prática que teria nela, embutido, um modo de laço próprio. Não falo do que essa prática disporia de um ponto de vista original *de onde* ler os fenômenos sociais. Isso sem dúvida aconteceu, e acontece. Há uma capacidade interpretativa própria do discurso analítico com relação às lógicas coletivas vigentes. Mas não é disto que vamos tratar.

Delimito um pouco mais este modo frequente de entender o papel do analista na cidade apenas para descartá-lo:

Em seu trabalho, o analista se situa “em reserva”, segundo a proposta de J. A. Miller com relação à relação analista-analisante. Isso não significa que ele ficará de fora do jogo, propondo-se como mera tela nua para projeção de experiências passadas do analisante. Assim, como propõe Miller em “Ponto de basta”, do mesmo modo que sua atenção, flutuante, ou equivalente igualmente ficará seu corpo e sua presença. Veremos como definir melhor sua presença, mas já podemos assumir que ele não “entra” na relação, no sentido da empatia, e de correspondências de vida, ditas por nós, imaginárias, com o analisante. Ele é a presença que põe em jogo a história dessas presenças, o que, ao fim e ao cabo, permitirá ao analisante encontrar a chave de sua repetição, a partir dos elementos invariantes delas.

Deste lugar, digamos, do irrepresentável de cada um, “lugar de ninguém”, *place de personne*, diz Lacan nessa lição, sempre meio de viés, muita coisa se descortina. É um ponto de onde pode ser lançado um olhar inesperado sobre as situações da vida coletiva da cidade (o maior exemplo é a teorização freudiana do laço de base nas instituições do exército e da igreja católica de sua época). De fato, a psicanálise pode ser uma ferramenta de releitura e ressignificação robusta. Não é o que as redes sociais não cansam de demonstrar com tantos analistas comentando e buscando a boa interpretação dos nossos acontecimentos quotidianos, da vida das celebridades à guerra na Ucrânia?

A questão aqui será outra. Retomo: a experiência do inconsciente e a subversão que ela promove em uma vida, supõe um modo de laço próprio entre o analisante e as formas da alteridade que habitam o inconsciente?

I

Então vamos lá. Freud não abordou a ideia de um laço próprio da psicanálise, mas Lacan sim. Vejamos dois tempos da teorização lacaniana do laço antes de chegarmos à novidade do *Seminário 21* (cf. meu texto “Lacan e a ciência” em que tento acompanhar com calma esses desdobramentos).

Primeiramente, Lacan formalizou o laço edípico, já delimitado por Freud, dando-lhe, porém, um alcance bem maior do que aquele que as figuras do pai ou da autoridade freudianas descortinavam. Com o Nome do Pai, como “Outro *no* Outro” nos permitiu encontrar e estrutura edípica em muitos lugares e não apenas na igreja ou exército. Afinal, ele é aquele elemento linguageiro (o sobrenome da família por exemplo), que vem afirmar que o desejo da mãe, esse cuidador primordial, de base, segue alguma regra e não apenas seus caprichos. São as coordenadas expressas, por exemplo, na metáfora paterna do *Seminário 5*.

O tema da universalidade da estrutura edípica passa a se colocar agora de maneira pungente. Freud podia se contentar em afirmar que “somos levados a supor que o complexo de Édipo é muito mais universal do que imaginávamos...”. Mas com Lacan, quando encontramos o modo de laço formalizado pela metáfora paterna nas mais variadas formas sociais, prescindindo inclusive da família nuclear vitoriana para se afirmar, cabe a pergunta de até que ponto esse modo de laço seria universalizável.

Por mais que o laço edípico agora se encontre nos mais variados espaços, nas mais variadas encarnações e formas sociais, não podemos nos contentar com a ideia de um modo de laço geral, universal. É o perigo que corremos quando dizemos “para todo ser falante”, o que não raro ouvimos em nosso meio. Desde o início, a psicose, por exemplo, se contrapôs a metáfora paterna como caminho subjetivo alternativo, tanto para Freud quanto para Lacan. É bem verdade que muitos a tomaram como ausência de laço e não como outra forma de laço, tendo como única solução a seus impasses mimetizar o laço neurótico pela metáfora delirante. Ainda assim, mesmo com esse neuroticocentrismo todo, a teoria da psicose, no ensino de Lacan já perturba a ideia de um modo de laço universal.

Além disso, se em algum momento foi possível sustentar essa leitura, hoje, a pluralidade é uma necessidade política. Não porque ela seja melhor em si mesma, mas porque é a melhor, dado o mundo em que estamos, quando o abalo sofrido pelo Nome do Pai como universal de referência promove as tentativas de restauração de seu poder ao modo supremacista, pelo braço-armado do poder e não mais pela Lei. Estamos exigidos a buscar no múltiplo o laço que não seja necessariamente tribalização ou dispersão. Pode ser na pluralidade do pensamento decolonial, por exemplo, na pena de um Eduard Glissant, no anticolonialismo de um Aimé Césaire, nas leituras de um mundo multipolar que prescindam da *pax* armada americana.

## II

Estou superpondo *estrutura* e *discurso*. Entendo que, para nossos fins, podemos tomá-los como sinônimos. Mais ainda, estou tomando discurso do mestre e estrutura neurótica ou edípica como sinônimos, aproximando o discurso do mestre do S17 à estrutura neurótica do S5. Neste sentido, a universalidade do laço neurótico se torna mais ainda relativa. Afinal, Lacan propõe quatro discursos e não apenas um.

Vale agora observar o discurso analítico. Se o discurso do mestre instaura o *Outro* paterno, o Outro do laço social edipiano, como seria o laço analítico?

O discurso analítico é quase sempre situado de forma paradoxal por Lacan, em lugar de exceção com relação ao modo como situa os outros três. É dito às vezes como mais frágil por ser “o mais recente”, ou um “discurso sem palavras” ou ainda o “discurso lógico da ação”.

Nada surpreendente que não tenhamos um laço social estável para chamar de nosso, aliás, esse é nosso paradoxo, sintetizado nesse aforismo lacaniano: no discurso analítico *o objeto é ativo e o sujeito subvertido*.

O analista seria aquele que faz agir o *objeto “a”*, digamos, a libido do recalcado, e o laço analítico seria aquele que tem esse tanto de libido disponível como motor de sua ação. Mas a ideia de um objeto que age é paradoxal. Se ele age, continua sendo objeto? E se passa a fazer parte do campo do sujeito, ou do eu, o tanto de libido que se tinha tornado disponível vai apenas alimentar o eu? Isso nos levaria de volta ao discurso do mestre.

Então, o discurso do analista seria um laço? Ele parece não ter permanência, pois a ação do objeto é de subversão e não de laço. Ainda assim, desde que tomemos os quatro discursos como componentes de um mesmo dispositivo e não como quatro formações discursivas independentes, entendemos como o discurso analítico não deixa de ser também um laço, mas em tensão com o discurso do mestre, esse sim, o discurso que tradicionalmente mantém a massa unida. O discurso analítico nesse sentido é “discurso lógico da ação” de subversão do mestre, mas que, deixado só, se pulveriza.

Já nas fórmulas da sexualização o objeto *a* não é mais o protagonista. Não é mais o real, mas apenas “sua forma lógica em um discurso” (Miller, J. A. A natureza dos semblantes). O real agora ganha um outro modo de apresentação, não objetual, o *gozo opaco*, dito feminino, situado pelas Fórmulas da sexualização.

Finalmente, após esse percurso vertiginoso, chegamos ao ponto que nos interessava.

### III

A questão do laço passa a ser crucial. Nos quatro discursos o laço, ao menos o do mestre era um dado. Aqui não mais.

Por isso Lacan retoma as fórmulas neste seminário para fornecer “alguns complementos a elas” exatamente o lugar do coletivo, da comunidade pré-existente com relação ao gozo que será situado por elas. Ele é fora do laço? Rompe o laço? Precisa dele para subsistir?

Entende-se porque essa lição será também uma revisão do objeto “*a*”, claramente, em termos teóricos, com relação ao gozo do Opaco, feminino, como tal, que as fórmulas agarram. É preciso trazer o objeto à cena para colocá-lo em segundo plano.

A lição é, sobretudo, uma interrogação sobre o que as fórmulas têm como Outro, sobre qual regime de alteridade, caso não seja a paterna, que o gozo feminino necessita para se escrever.

Por isso é uma lição também sobre a escrita, porque a escrita será afirmada como esta alteridade mínima. A própria escrita, o fato de algumas coisas estarem cristalizadas, é o que permite a esse gozo em si mesmo contingente e fora de esquadro, se manter na duração. A escrita é o Outro do gozo feminino.

E tudo isso tendo como pano de fundo o final da análise em sua relação como o gozo.

Para não nos perdermos demais nesse emaranhado, proponho três fios de leitura:

- 1) O aforismo “O ser sexuado se autoriza de si mesmo e de alguns outros”.
- 2) A retomada do apólogo dos três prisioneiros.
- 3) A escrita matemática como paradigma da relação entre uma comunidade com o ato de uma descoberta, uma invenção.

### IV

Vou dizer como entendo o essencial depois vamos passo a passo.

Inicialmente, nas considerações sobre a relação entre o ato analítico e o grupo, a pergunta é “em que o grupo conta no *autorizar-se*”.

Peço que aceitem que eu superponha também *nomear-se, autorizar-se, ato e invenção*.

Nada que espante muito. Vejam que todo o movimento do último ensino de Lacan vai no sentido de retirar do ato seu caráter trágico, heroico que ele mesmo tinha promovido no *Seminário 7* (cf. nesse sentido Jam sobre “acontecimento” e “ato” no último ensino em sutilezas analíticas).

Lacan afasta, aqui, a ideia de um ato “no real”, puro, vazio. Define que o agente do ato precisa de outros e também precisa, para que haja ato, que ele seja o ato de uma escrita, o ato que produz uma escrita. Ou seja, há o ato, real de autorizar-se, o ato de apropriar-se de um gozo para “chamar de

seu" (R), mas há, ao mesmo tempo, o ato de produzir uma escrita (S) desse seu ser singular de gozo e, finalmente, esse ser sexual não consiste não ganha corpo (I) se não houver alguns outros com ele.

Ninguém nomeia seu gozo sozinho. Ninguém se autoriza a situar sua diferença absoluta sozinho. Não há então o ato como o de um herói. Não há heróis nem vítimas. Édipo de Colona não é mais paradigma. Os personagens chave dessa lição são quase anônimos. Há aquele que se autoriza de si mesmo, o analisante ao final de sua análise. Mas pode ser também, o *ser sexuado*. Como entender esse *être sexué*, esse ser de sexual? Eu diria que é aquele que se afirma em seu gozo em contraponto àquela que busca ficar em seu desejo, pois o desejo é sempre um pouco do Outro. O gozo não desliza, ele apenas existe. Além desses dois, haverá ainda um terceiro personagem. Aquele que inventa uma nova escrita. É um tema que está presente desde o início da lição, mas que só será definido ao final. E o personagem chave, aqui, é Pascal. Pascal matemático, o que escreveu a cicloide, a equação que instaura a figura de eclipse que ilustra o final da lição.

Esses três personagens e os aspectos que eles enfatizam estarão entrelaçados por Lacan. O analista, o ser sexual e o matemático-inventor. Todos são *passantes*, pois cada um deles assume uma "passagem ao real", expressão dessa lição que Laurent destacou recentemente. É a passagem ao real de uma nomeação, de uma posição sexual e de uma nova escrita.

Para que Lacan possa ressituar o objeto, ele o convoca na lição. O gozo como objeto, causa, mais-de-gozar, vai ficar do lado masculino das fórmulas da sexuação. Ele passa a um plano secundário. Todo um primeiro desenvolvimento vai situar esse objeto como uma não-coisa. Não é um tampão, uma rolha, mas acaba sendo quando lhe damos forma. O importante é ressaltar que a cada vez ele tem função de furo, mais que de rolha. Até aqui não muita novidade. A não ser lembrar que o furo é cheio, cheio de gozo. Mas a seguir Lacan vai se perguntar sobre a escrita e afirmar que a escrita faz a beira, beirada (borda) do real. Então temos a escrita e a não-coisa que ela cifra, fisga, cerca. Quando se trata de escrita o real não toma necessariamente forma de furo, porque ele é mais movimento e contingência que pedaço ou resto. Um furo é também um objeto, estranho e sem essência, mas é um objeto, uma beira não.

É quando entram os três prisioneiros. Aqui o outro não é mais alguém de carne e osso, não são as pessoas, não há espelho, contam mesmo os movimentos dos alguns outros.

É um ballet, uma dança. Mas ao modo Pina Bausch. É uma dança porque o gozo, aqui, não é mais um furo, vazio, mas um gozo que se apresenta em um jeito de corpo. É cada um com o seu movimento, seu gozo de falante, mas que, por um segundo, pode se apresentar como coletivo. Segundo o apólogo: vejo nos outros a possibilidade de sermos humanos, iguais. Se for assim, porém, vou desaparecer na multidão de formas disformes do real. Preciso, então, me afirmar por medo de não ser humano, assim me nomeio e me excetuo, não sem os outros que comigo dançam.

## V

Todo mundo precisa de alguns outros, mas quais são os alguns outros dessas passagens ao real?

Aqui Lacan situa uma oposição - velada, mas que destaco - entre o *grupo* e o *alguns outros*. Ele vai definir o grupo, como prévio. Antes do autorizar-se. Tendo, porém, necessariamente, já em si as linhas de corte que introduzirão o ato de nomear-se ou de autorizar-se. É quando afirma que não poderia ter inventado o passe se não houvesse analistas, se não houvesse no mundo agrupamentos de analistas. Há, então, antes do autorizar-se, o grupo que estabelece por sua existência os possíveis e impossíveis prévios, nos quais a contingência vai instaurar uma passagem ao real, uma passagem ao impossível, um acontecimento. Esse acontecimento instaura o "alguns outros" eu diria,

retroativamente. São aqueles que, agora, aparecem como os parceiros, se destacam da multidão como os companheiros dançarinos do ballet da nomeação.

O “alguns outros” não seria, assim, o bom grupo, real, distinto do mau grupo, imaginário, túmulo da singularidade. Não. Eles são mais o coletivo dos que, uma vez apropriado do falasser de seu ser sexuado, os que são seus parceiros. Já o grupo, pré-existente, comparece com os materiais pré-existentes à invenção, seja da cicloide, de um nome de gozo no passe, ou ainda da escolha de um ser de sexual (*être sexué*), na sexuação.

Finalmente, como, nisso tudo se estabiliza uma identidade? Aqui a pista será a comunidade dos matemáticos. Um objeto estava sendo procurado, a equação da cicloide, por exemplo, Pascal a escreve. Passa a ser aquele que a inventou. A partir daí podem existir os pascalianos, um novo coletivo se forma. Uma comunidade de gozo unida por um traço que a cicloide constitui.

Tudo isso, que afirmo de modo meio jogado, só me foi possível pela necessidade de traduzir a lição, a pedido de Ana Lucia. Precisamos percorrer a lição passo a passo, ao menos em seus pontos cruciais. É o que proponho.